



A criação de Brasília é contada na ótica de novos argumentos

EUA viam oportunidade de lucro

A construção de Brasília era vista pelos Estados Unidos como oportunidade de investimento e lucro, além de uma solução para a neutralização do comunismo. Isso é o que o professor Luís Carlos Lopes conclui após analisar a troca de correspondência entre os dois países e entre a embaixada norte-americana no Brasil e Washington. Os documentos pesquisados nos arquivos do Itamaraty, no Arquivo Nacional e na Biblioteca do Congresso americanos mostram também, que o presidente Juscelino Kubitschek (31/1/56 a 31/1/61) teve de superar a resistência inicial que tinham à sua candidatura e governo.

“Desde o fim do governo Vargas (31/1/51 a 24/8/54) os EUA exerciam grande pressão política sobre o Brasil”, diz o professor. Durante a campanha eleitoral de JK a escolha de seu vice-João Goulart, do Partido Trabalhista Brasileiro, e suas ligações com comunistas, (o arquiteto Oscar Niemeyer era filiado ao Partido Comunista do Brasil) — eram atitudes vistas com ressaca. Para esclarecer suas opiniões Juscelino Kubitschek, depois de eleito, visitou os Estados Unidos e se encontrou com o secretário de Estado John Foster Dulles.

Convencimento — A impressão que ficou foi a melhor possível, en-

fatiza Lopes. Documento transscrito mostra que o secretário de Estado propõe o apoio ao governo JK e seus planos de progresso econômico. “Juscelino acreditava que o Brasil e os Estados Unidos tinham problemas com o comunismo, mas não queria ingerência externa nessas questões, tinha sua própria solução: acreditava que o progresso econômico era a melhor arma contra este”, diz o professor.

Com a viagem, Juscelino mostrou que as opiniões e práticas de JK estavam de acordo com a realidade política internacional — era o tempo da Guerra Fria — e, com isto, garantiu os investimentos.

Em documento enviado ao Departamento de Estado, em 31 de dezembro de 1957, o embaixador americano Ellis O. Briggs ressalta a construção de Brasília como chance de investimento de lucro certo. No mais, ele reclamava que JK deveria implantar medidas efetivas de combate ao comunismo, se queixava do monopólio estatal do petróleo e da energia elétrica, de não se ter uma legislação que impedisse o Brasil de entrar para o clube atômico, da inflação e da política do café. A transferência da capital foi, minuciosamente, acompanhada. “Recortes de jornais, transcrição de leis e discursos, avaliações de personalidades, tudo foi enviado aos EUA”, assinala Lopes. (M.P.)